

PROJETO GUIGNARD

Terezinha Maria de Brito Machado Guimarães é professora e moradora em Ouro Preto. Entrevista realizada no dia 31 de janeiro de 2003, em sua residência.

Gélcio: Terezinha, como você conheceu Guignard?

Terezinha: Eu o conheci como toda garota de minha época, quando ele pintava no Antônio Dias, ali na Ponte. A gente ia para a escola e ele nos parava para contar casos. Outras vezes, ficava olhando o que ele fazia. Naquele tempo não era muito comum ver um pintor na rua.

Gélcio: Qual a impressão que você tinha dele?

Terezinha: Uma pessoa muito triste, apesar de suas brincadeiras. Sempre que eu passava ele me chamava a atenção.

Gélcio: Por quê?

Terezinha: Não sei, era só ele me ver, dizia: “Você é a *Mona Lisa*”. Na época o meu cabelo era muito fino, corrido, não sei se ele achava parecido com o da *Mona Lisa*. Ele falava que o meu nariz era igualzinho ao dela e dizia: “Ainda vou te pintar”. “Ah, não vai não”. “Vou, ainda vou te pintar”.

Gélcio: Você se lembra dele convidando muitas moças para serem pintadas?

Terezinha: Não, mas ele brincava muito com elas. Comigo era essa história do nariz e do cabelo, cismou que era igual à *Mona Lisa*. Mas minha mãe era muito brava, não podia nem sonhar que ele queria me pintar. Para ela, pintor era considerado uma pessoa vagabunda, por isso eu tinha medo dele ir a minha casa. Havia muito preconceito contra artistas em geral.

Gélcio: Qual era o horário que você ia para a aula e a que horas vocês o encontravam?

Terezinha: Eu estudava de manhã, às 7 horas. Na volta, ele estava sempre no bairro de Antônio Dias, pintando. Aí a gente parava um tempão, ficava para vê-lo pintar, depois subia a rua, *tchau, tchau* e pronto. Nunca entrei em sua casa. Mas ele pintava também no paredão da Rua Getúlio Vargas, onde se vê o bairro do Pilar. Foi quando descobriu onde eu morava. Ai meu Deus!... Eu tinha até cortado o cabelo, curtinho, na época. “Ah, não tem importância não, seu perfil é de *Mona Lisa*”. Um domingo ele chegou lá em casa, bateu e da varanda eu falei: “O Guignard... Meu Deus... Rogai por nós...” Ele chegou acompanhado de um homem, acho que era aluno. Era de São Paulo e estava fazendo curso com Guignard, que comentou: “Olha aqui, a *Mona Lisa* que eu te falei”.

Gélcio: Guignard trouxe material para fazer o seu retrato?

Terezinha: Levou pedaço de compensado. Meu pai não achou graça pelo fato dele pintar em compensado. Assentaram-se na sala, eu estava de *peignoir* e Guignard pediu para eu não trocar. Ele falou: “Eu pinto a roupa depois, do meu jeito. Pode ficar assim mesmo”. Aí desenhou a manhã inteirinha. Com muito custo, esboçou o retrato e pediu a esse aluno dele voltasse para dar o retoque. Ele chegou a retornar a minha casa, pegou o quadro e não voltou mais. Outra vez, subindo a ladeira São Francisco de Paula, eu e uma amiga, ele falou: “Ah, agora eu vou pintar vocês de novo”. Ele estava pintando a igreja São Francisco de Paula e nos pintou subindo a ladeira. Ele falou que ia levar essa tela para a Europa. Não tive mais contato, ele adoeceu e não o vi mais.

Gélcio: Terezinha, como foi esse momento do retrato?

Terezinha: Iniciou rabiscando tudo a lápis e, se olhar bem, vai observar que o retrato não se parece comigo. Na certa, ele estava pensando na *Mona Lisa* e me fez, pois comentou: “Mas tem um ar seu, sim”.

Gélcio: Ele então fez um esboço a lápis e depois veio com a tinta?

Terezinha: Ele ficou a manhã inteirinha e acho que ele foi embora meio-dia, por aí. Depois o moço voltou para fazer o resto, pois acho que era uma aula. Eu me lembro que era período de férias, janeiro de 1960.

Gélcio: E esse outro artista, também trabalhou no retrato?

Terezinha: Deu uns retoques e ficou por isso mesmo.

Gélcio: O que você sentiu na hora em que Guignard fazia o seu retrato?

Terezinha: Fiquei honrada.

Gélcio: Tem alguma relação da casa onde hoje é o Museu Casa Guignard com sua família?

Terezinha: Meu pai nasceu na casa. Ele se chamava Arthur de Brito Machado. Era professor na Escola Técnica e um dos seus fundadores e do Colégio Arquidiocesano. Era também poeta.

Gélcio: Guignard convivia com famílias de Ouro Preto?

Terezinha: Com famílias não sei, mas mocinhas, demais. Conheceu todas... Nossa Senhora... Ficavam em volta dele, era muito simpático. Gostava de dar beijinhos e balas. Mas era direito.

Gélcio: Ele não assinou o seu retrato. Você não cobrou a assinatura?

Terezinha: Não, porque eu achei que ele ia voltar para terminar.

Gélcio: A sua família assistiu a pintura?

Terezinha: Fiquei na sala sozinha com ele e, de vez em quando, minha mãe chegava para ver se estava terminado. Sempre brincou muito com essa história de *Mona Lisa*, mas nunca se excedeu, não era interesse de paquera ou flerte.

Gélcio: Então, você teve o seu momento de *Mona Lisa*?

Terezinha: Tive, graças a Deus. Toda vez que ele olhava para mim, tinha que falar isso. “Lá vem a *Mona Lisa*. O nariz, o perfil é igualzinho ao dela”.